

Copyright © 2001 Luiz Antonio Barreto

Edição Comemorativa do Sesquicentenário de Nascimento de Sílvio Romero,
Organizada e dirigida por Luiz Antonio Barreto, com a colaboração de Jorge Carvalho
do Nascimento e a participação de Jackson da Silva Lima e Antonio Paim.

Capa: Bárbara Szaniecki (Sobre Manuscrito de Sílvio Romero)

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R672h Romero, Sílvio, 1851-1914
v. 1 História da literatura brasileira, tomo I / Sílvio Romero;
organização, Luiz Antonio Barreto. — Rio de Janeiro: Imago Ed.;
Aracaju, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2001.
596 pp. — (Obras completas / Sílvio Romero)

Edição Comemorativa do Sesquicentenário de Nascimento de Sílvio Romero
ISBN 85-312-0758-4

1. Literatura brasileira — História e crítica. I. Barreto, Luiz Antonio, 1944-
II. Universidade Federal de Sergipe. III. Título. IV. Série.

01-0587. CDD — 869.909
CDU — 869.0(81) (091)

Reservados todos os direitos. Nenhuma
parte desta obra poderá ser reproduzida
por fotocópia, microfilme, processo foto-
mecânico ou eletrônico sem permissão
expressa da Editora.

2001

Co-edição:
IMAGO EDITORA
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
20250-430 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 502-9092 — Fax: (21) 502-5435
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. José Aluísio de Campos
Jardim Rosa Elze s/n — São Cristóvão
49100-000 — Aracaju — Sergipe

Patrocínio
Ministério da Cultura — MinC
Esplanada dos Ministérios
Brasília — DF

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

A Nação Brasileira como Grupo Etnográfico e Produto Histórico

É INCONTESTÁVEL a tendência moderna para reduzir as chamadas ciências morais a uma prolação da história natural. Depois que o homem deixou de ser o centro e a medida das coisas, depois que se lhe marcou o genuíno lugar na criação, o modo de tratar a história e os outros ramos científicos, que se lhe prendem, sofreu uma alteração radical.

A antiga maneira de fazer a crítica literária fundada nas regras *eternas do bom gosto* modificou-se de uma vez e foi obrigada a aceitar a *relatividade* de seus conceitos.

Desde Buckle e Gervinus, começou-se a estudar a ação dos diferentes *meios* sobre os diversos povos; desde Taine e Renan, admitiu-se, além disso, o influxo divergente das *raças* nas criações religiosas e artísticas.¹

Antes destes escritores essa intuição era existente; eles a tornaram clássica e vulgar.

Começaram a aparecer então os exageros, e os diletantes literários não tiraram mais da boca as palavras *meio* e *raça!*... Sobre a antiga retórica fundou-se outra com seus termos místicos e sagrados. Improvisaram-se teorias fantasiosas sobre povos de formação recente, e, entre outros, Portugal, por exemplo, teve sua *raça* peculiar nos *moçárabes* e seu *meio* absolutamente distinto do resto das Espanhas pela vizinhança do *mar*, que não é, por certo, uma exceção portuguesa!...

Entretanto, os fatos ali estão para impor-nos grande reserva: de um lado, a verdade inconcussa de que as velhas raças pré-históricas são quase desconhecidas e que as raças históricas, como as dos arianos, semitas e altaicos, desde a mais remota Antigüidade, têm vivido no mais

1 Renan e Taine tinham sido antecidos pelo conde de Gobineau.

completo cruzamento e quase fundidas. O critério para a sua separação é quase puramente lingüístico, e a lingüística é um critério bem fraco em etnografia, especialmente entre os povos modernos e recentes, resultantes da fusão de muitas raças.

Por outro lado, o estudo da mesologia começa apenas a esboçar-se e ainda não se sabe totalmente como os *meios* modificam os povos. Tudo isto é certo e é-o também que estes, por sua parte, reagem contra aqueles. O meio não funda uma raça; pode modificá-la e nada mais. Deve-se, neste assunto, contar com o *fator humano*, isto é, com uma força viva prestes a reagir contra todas as pressões por intermédio da cultura.

Não contesto a ação dos meios e das raças, que é um achado definitivo doravante na ciência.¹ Imponho-me somente algum cuidado no manejo de meu assunto: a literatura pátria.

O povo brasileiro é um grupo étnico estreme e característico, ou é uma determinada formação histórica? Nem uma coisa nem outra, respondendo resolutamente.

Não é um grupo étnico definitivo; porque é um resultado pouco determinado de três raças diversas, que ainda acampam em parte separadas ao lado uma da outra.

Não é uma formação histórica, uma raça sociológica, repetindo a palavra de Laffite, porque ainda não temos uma feição característica e original. Temos porém os elementos indispensáveis para tomar uma face étnica e uma maior coesão histórica.

Quando se trata de caracterizar a nação brasileira, é claro que não deve ser no ar, fantasticamente, e sim em relação ao povo de que ela principalmente descende e diante daqueles que a cercam. Se o povo português não se distingue etnologicamente do espanhol, nós temos elementos para separarmo-nos consideravelmente do nosso ascendente europeu e dos povos vizinhos que nos cercam.

A raça ariana, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma sub-raça mestiça e crioula, distinta da européia. A introdução do elemento negro, não existente na maior parte das repúblicas espanholas, habilita-nos, por outro lado, a afastar-nos destas de um modo bem positivo.

As condições especiais de nossa geografia vêm também em nosso auxílio. Não é tudo; uma circunstância, por assim dizer pré-histórica, e

1 Nem o podia fazer, quando fui dos primeiros a marcá-la em nossas letras na *Literatura Brasileira e a Crítica Moderna* e noutros escritos.

de que não se tem medido todo o alcance, aparece para auxiliar a característica do povo brasileiro. A principal família indígena, que ocupava esta porção da América, não se confundia com qualquer outra. Os *brasilio-guaranis* povoavam justamente a maior porção desta parte do continente, onde se vieram estabelecer o negro e o português.

Este fato concorre para separar-nos ainda mais das gentes hispano-americanas, que, além de não possuírem o elemento africano, tiveram um vasto cruzamento indígena de todo diverso do selvagem do Brasil. À vista deste fato, depreende-se por si mesmo que toda a margem esquerda do Paraguai e do Paraná é genuinamente brasileira pela origem primitiva de seus habitantes, e seria hoje uma parte do Brasil, se o não tivesse obstado a fraqueza ou a inépcia dos governos português e imperial.

O povo brasileiro, como hoje se nos apresenta, se não constitui uma só raça compacta e distinta, tem elementos para acentuar-se com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na América um grande destino cultural histórico.

Dentro dos limites de uma só família humana, ramos vários podem oferecer tendências e aptidões diversas. Os franceses, italianos e alemães pertencem ao mesmo grupo ariano, e que diversidade entre eles de manifestações espirituais!... No Brasil a tendência à diferenciação pode ser ainda maior do que entre aqueles povos, se circunstâncias anômalas e retardatárias não se vierem interpor ao nosso desenvolvimento, como é muito para temer.

Encerrando o assunto deste capítulo e respondendo à questão que ele contém, em poucas palavras, direi:

A estatística mostra que o povo brasileiro compõe-se atualmente de brancos arianos, índios tupis-guaranis, negros quase todos do grupo banto e mestiços destas três raças, orçando os últimos certamente por mais de metade da população. O seu número tende a aumentar, ao passo que os índios e negros puros tendem a diminuir. Desaparecerão num futuro talvez não muito remoto, consumidos na luta que lhes movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento.

O mestiço, que é a genuína formação histórica brasileira, ficará só diante do branco quase puro, com o qual se há de, mais cedo ou mais tarde, confundir.

Não é fantasia: calculavam-se em três milhões talvez os índios do Brasil; hoje onde estão eles? Reduzidos a alguns milhares nos remotísimos sertões do interior.

Computavam-se também em alguns milhões os negros arrancados da África pela cobiça dos brancos, e hoje chegam eles por certo apenas a uns dois milhões.

As pestes e as guerras fizeram aos indígenas o que os trabalhos forçados fizeram aos africanos. A selvas não estão mais povoadas de caboclos, para serem caçados pelas *bandeiras*; os portos da África estão fechados aos navios *negreiros*.

A conseqüência é fácil de tirar: o branco, o autor inconsciente de tanta desgraça, tirou o que pôde de vermelhos e negros e atirou-os fora como coisas inúteis. Foi sempre ajudado neste empenho pelo *mestiço*, seu filho e seu auxiliar, que acabará por suplantá-lo, tomando-lhe a cor e a preponderância.

Sabe-se que na mestiçagem a seleção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o tipo da raça mais numerosa, e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela imigração européia, tem sido, e tende ainda mais a sê-lo, a branca. É conhecida, por isso, a proverbial tendência do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua cor pode iludir.

Quase não temos mais famílias extremamente arianas; os *brancos presumidos* abundam. Dentro de dois ou três séculos a fusão étnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem característico.

Os mananciais negro e caboclo estão estancados, ao passo que a imigração portuguesa continua e a ela vieram juntar-se a italiana e a alemã. O futuro povo brasileiro será uma mescla afro-indiana e latino-germânica, se perdurar, como é provável, a imigração alemã, ao lado da portuguesa e italiana.

Ouçamos um homem prático, o Dr. Hermann Rentschler: "Nos Estados Unidos, onde havia mais índios e negros do que no Brasil, a experiência tem demonstrado que no decorrer do tempo o *índio* e o *negro* desapareceram em contato com o branco.¹ O Brasil não deve contar seriamente com os índios e negros como elementos de uma civilização futura, ainda que estenda até eles os benefícios do ensino primário. As futuras gerações do Brasil, se for aproveitada a colonização alemã, constituirão um povo misto de brasileiros propriamente ditos, portugueses e alemães. Os descendentes do novo povo misto serão superiores a seus antecessores, portugueses e alemães, como elemento de colonização. Transporte-

1 Sr. Rentschler ilude-se em grande parte no que diz do desaparecimento do negro nos Estados Unidos.

mo-nos, em espírito, ao futuro do Brasil: aí veremos um *povo misto*, mais apto e capaz do que seus progenitores para a cultura das terras; porque serão habituados desde o nascimento ao clima e à vida do país. Uma *nacionalidade* não é um fato primeiro, que surja num dia certo de fundo tenebroso da história. Segundo o pensar de um notável etnólogo, é ao contrário o resultado de uma grande quantidade de combinações, de fusões, de eliminações e de associações de toda a espécie. Uma vez formada, ela constitui um quadro indestrutível que se impõe aos elementos novos que se lhe vêm juntar; mas a unidade, nisto como no mais, é um termo e não um princípio original.”¹

Estes fatos ficariam sem vigor para a história literária, se, ao lado do cruzamento físico, se não desse também o das idéias e sentimentos. A união neste solo de povos em tão variados estádios da inteligência influiu na psicologia do povo brasileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que suponho por fatos, no momento primeiro do fetichismo, fase primordial da idade teológica.

Os índios achavam-se no período da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista.²

Os portugueses eram monoteístas, último momento do teologismo; mas tinham grandes resíduos da época anterior — o politeísmo.

Daí uma grande confusão no conjunto das crenças e tradições brasileiras, que encerram elementos contraditórios de todas as fases do pensamento.

Somos um povo em via de formação; não temos, pois, vastas e largas tradições nacionais. Negros e índios pouco puderam fornecer, e os portugueses já tinham, com a Renascença, esquecido em parte as tradições da Idade Média, quando o inconsciente das coisas os atirou às nossas plagas. Daí o estado fragmentário de nossa literatura popular.

1 *Contribuição para a Psicologia Comparada dos Povos*, p. 8.

2 Vide minha *Etnografia Brasileira*.